

A COMPLEXIDADE DA MODA ENQUANTO CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL

The Complexity of Fashion as a scientific field in Brazil

Nascimento, Carla Barros; Mestranda; Universidade Estadual de Goiás,
carla.nascimento@ueg.br¹

Pires, Roseli Vieira; Pós-doutorado; Universidade Estadual de Goiás, roseli.pires@ueg.br²

Resumo: Este artigo aborda a moda como campo científico no Brasil, desde seu surgimento até sua evolução acadêmica. Destaca-se o surgimento da moda como área acadêmica no Brasil na década de 1980. A problemática central é a cientificidade da moda no país, considerando sua definição como área científica legitimada pelas autoridades nacionais. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com enfoque na Teoria da Complexidade.

Palavras-chave: Moda; Ciência; Complexidade.

Abstract: This article addresses fashion as a scientific field in Brazil, from its emergence to its academic evolution. The emergence of fashion as an academic area in Brazil in the 1980s is highlighted. The central issue is the scientificity of fashion in the country, considering its definition as a scientific field legitimized by national authorities. To this end, a bibliographic research was conducted with a focus on the Theory of Complexity.

Keywords: Fashion; Science; Complexity.

1. Introdução

A problemática deste artigo é investigar a complexidade da moda enquanto área do saber no Brasil e suas principais dificuldades para ser legitimada com um campo científico. Para isso, analisa-se o surgimento e a evolução da moda como área acadêmica no ensino

¹ Graduada em Design de Moda (UFG), mestranda em Gestão Educação e Tecnologias (UEG). Docente do ensino superior na Universidade Estadual de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4183514464050568>.

² Graduada em Administração de Empresas e Ciências Contábeis (PUC GO), mestre em Administração (FACECA), doutorado em Psicologia (PUC GO), Estágio Pós doutoral em Geografia (UFG), Estágio Pós doutoral em Psicologia (PUC GO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0226402686714411>.

A metodologia deste artigo se estabelece a partir de uma revisão bibliográfica, utilizando principalmente livros e artigos científicos de autores como Kuhn (2018), Lipovetsky (2009), Godart (2010), Braga e Prado (2011). A análise busca construir uma compreensão argumentativa-crítica do objeto de pesquisa, com base na Teoria da Complexidade.

Doravante a análise de ideias, teorias e metodologias, buscou-se construir uma compreensão argumentativa-crítica em relação ao objeto de pesquisa através do viés da Teoria da Complexidade.

2. Moda enquanto área do saber no Brasil

O fenômeno moda não faz parte de humanidade desde os seus primórdios, para o filósofo francês Gilles Lipovetsky “a moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações” (LIPOVETSKY, 2009, p. 24). Lipovetsky (2009) completa, a moda não é um fenômeno da essencial à vida humano-social, durante dezenas de milênios a vida coletiva se desenvolveu sem a efemeridade da moda, sendo considerada como um sistema somente após o final da Idade Média.

“A famosa *École de la Chambre Syndicale de la Couture Parisienne*, por sua vez, surgiu em 1926 vinculada ao sindicato francês de *haute couture*” (BRAGA e PRADO, 2011, p. 521). Mesmo na França tida como “berço da moda”, a moda enquanto área de estudo acadêmica surge apenas no século XIX, sendo uma área de pesquisa recente em comparação com outras áreas acadêmicas que surgem com o aparecimento das Universidades ainda na idade média.

No Brasil o surgimento e evolução dessa área do saber foi ainda mais lento que no seu “berço” Francês. Sem mão-de-obra qualificada, por falta de cursos na área, quem criava e produzia produtos de moda no Brasil eram autodidatas, que se especializavam na execução dos produtos de moda, e não no pensar do fenômeno moda.

ola@grandesite.com.br

Até meados da década de 1980, um jovem que desejasse trabalhar com criação de moda, no Brasil, enfrentava não apenas o preconceito que cercava esta opção profissional, como, também – e principalmente –, a ausência de escolas ou cursos que ultrapassassem o nível técnico básico: em geral, o trivial curso de corte e costura. Como não tínhamos formação qualificada na área, os pretendentes à carreira tornavam-se autodidatas ou iam buscar formação no exterior, quase sempre em Paris, onde o design de moda teve sua origem. (BRAGA e PRADO, 2011, p. 521).

No contexto brasileiro, a evolução acadêmica iniciou-se com o curso de Desenho Industrial, atualmente conhecido como Design, que se tornou a base para os diversos cursos de design no país, incluindo o Design de Moda, uma das denominações mais comuns para os cursos superiores de moda no Brasil, evidenciando a relação intrínseca entre moda e design.

De acordo com Braga e Prado (2011, p. 522), inicialmente, o design de moda estava ligado ao artesanato personalizado da alta costura e da alfaiataria masculina. Porém, a partir dos anos 1950, com a produção em massa de roupas, a área foi incorporada ao design industrial. A Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), na Universidade Estadual de Guanabara (UEG), foi a primeira instituição educacional desse segmento no Brasil, fundada em 1962. Embora tenha tido a participação do estilista francês Pierre Cardin como professor convidado e envolvimento em projetos acadêmicos na área de vestuário e têxtil, a Esdi nunca ofereceu cursos específicos de criação ou modelagem de roupas.

Aqui como na origem da profissão na Europa inicialmente surge como um ofício ensinado por “mestres” que o dominam, e o lecionam de forma caseira ou em cursos independentes de formação curta ou máximo em nível técnico.

A inviabilidade da criação de escolas qualificadas para formar profissionais em todas as áreas de moda se evidenciou no início da década de 1980, em particular de especialistas em criação, aqui chamados estilistas – na Europa, eles são denominados criadores, a partir da nomenclatura que lhes foi dada em francês, *créateurs de mode*. Os primeiros cursos independentes foram iniciativas privadas, a exemplo da Casa Rhodia, fundada pela empresa homônima – que ofereceu, a partir de 1978, cursos de curta duração (como o ministrado pela francesa Marie Rucki, do Studio Berçot -, e do Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Cetiqt), do Rio de Janeiro. Este último, órgão ligado ao Serviço Nacional da Indústria (Senai), que disponibilizou, desde 1984, o primeiro curso de longa duração de design de moda, ainda que em nível técnico (BRAGA e PRADO, 2011, p. 522-523).

Vestuário, colocado em prática em 1986” (BRAGA e PRADO, 2011, p. 523). A moda inicia então a sua história dentro das Universidades brasileiras em meados dos anos 80, inicialmente como um curso de extensão e curta duração oferecido pela Escola de Belas Artes da UFMG.

O primeiro "curso superior" de moda no Brasil foi estabelecido em 1988 pela Faculdade Santa Marcelina (Fasm), em São Paulo. No entanto, a história desse curso remonta a 1964, quando a professora e irmã Eugénie Jeanne Villien, formada em moda na França, introduziu a disciplina de Desenho de Moda no núcleo de técnicas industriais das formações superiores de Desenho e Plástica. A formação em moda surgiu relacionada à arte na academia brasileira, possivelmente porque, no início do século XX, o estudo sistemático do traje era considerado um ramo derivado da história da arte (BRAGA e PRADO, 2011).

No final da década de 1980, a moda foi incorporada às profissões de formação superior no Brasil, inicialmente ligada às artes visuais e posteriormente ao design. No entanto, essa graduação é recente e enfrenta desafios como a falta de professores especializados e a escassez de pesquisadores. Com o surgimento dos primeiros cursos de Design de Moda, a exigência de formação universitária aumentou, levando ao desenvolvimento de um corpo docente especializado e despertando interesse pela pesquisa científica, tanto de especialistas em Design de Moda quanto de pesquisadores de outras áreas.

Talvez pela sua história recente na academia brasileira a moda ainda seja considerada um braço da área de conhecimento Design, que iniciou nas academias brasileiras já na década de 1960. Desde 2004 os cursos superiores em Design de Moda seguem a Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design – Resolução CNE/CES nº 5, de 8 de março de 2004.

3. A complexidade da moda enquanto ciência no Brasil

Quando ponderamos moda como um campo específico científico, o que é pode ser definido como moda? Já encontramos aí a primeira crise paradigmática sobre a cientificação da moda “frequentemente, um novo paradigma emerge – ao menos embrionariamente – antes

ola@grandesite.com.br

Ao considerarmos a moda como uma expressão cultural, o vestuário se torna um elemento que representa um determinado grupo social em um contexto temporal e espacial. Dessa forma, é possível analisá-lo como um objeto histórico, um objeto social ou uma forma de linguagem. No entanto, a simples identificação das múltiplas áreas do conhecimento que podem estudar o vestuário não parece ser o suficiente para delimitar um campo específico da moda (CHRISTO e SABRA, 2015).

A moda é considerada um fato social total, que está situado entre os polos da imitação e da diferenciação, bem como entre o âmbito individual e o social. Ela engloba um conjunto de instituições que produzem vestuários carregados de significados, utilizados pelos indivíduos como meio de expressão e construção de suas identidades (GODART, 2010).

Em seu livro, *A estrutura das revoluções científicas* Thomas Kuhn apresenta a seguinte definição:

Se a ciência é a reunião de fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais, então os cientistas são homens que, com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo através do qual esses itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constitui o conhecimento e a técnica científica (KUHN, 2018, p. 60).

Conforme observado por Kuhn (2018), excetuando-se áreas como matemática e astronomia, nas quais os primeiros paradigmas estáveis remontam à pré-história, e também campos como bioquímica, que surgiram da combinação de especialidades já maduras, a história indica que o caminho para alcançar um consenso estável na pesquisa é extremamente desafiador.

Primeiro uma nova área do conhecimento enfrenta o desafio de ser aceita na acadêmica, essa foi uma tarefa simplificada para a “ciência normal”³ cheia de paradigmas desde o nascimento do mundo, do que para a ciência social aplicada, área do conhecimento

³ Significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são reconhecidas durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior (KUHN, 2018, p. 71).

tabela há nenhuma menção ao termo “moda”, que pelo menos para as autoridades escolares nacionais não é reconhecida como área de conhecimento.

De acordo com Godart (2010) apud Richard Caves (2000):

As indústrias criativas em geral, e a indústria da moda em particular, caracterizam-se pela falta de dados. Essa falta de dados, que resulta de uma dificuldade para medir a criatividade, os estilos e a cultura é, em geral, um sério obstáculo para o estudo científico da moda e das demais indústrias criativas (GODART, 2010, p. 10).

A moda como uma indústria criativa recente nas academias nacionais, se encontra desde o seu surgimento como sombra de áreas cuja a história e pesquisa no Brasil são mais antigas. Atualmente dos cursos superiores de Design de Moda estão vinculados aos cursos de graduação em Design, na Resolução CNE/CES nº 5, de 8 de março de 2004, que aprova as Diretrizes curriculares Nacionais em Design, apenas no Art. 5º inciso II, há a menção da palavra moda, escrita no plural: modas, seguida de vestuários.

Art. 5º O curso de graduação em Design deverá contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular conteúdos e atividades que atendam aos seguintes eixos interligados de formação:

II - conteúdos específicos: estudos que envolvam produções artísticas, produção industrial, comunicação visual, interface, modas, vestuários, interiores, paisagismos, design e outras produções artísticas que revelem adequada utilização de espaços e correspondam a níveis de satisfação pessoal; (BRASIL, 2004).

É fato que a moda surge cada vez mais entre os pesquisadores como uma área de interesse científico, estudada por pesquisadores de diversas formações, já que interdisciplinaridade é inerente ao fenômeno moda, e por não ser considerada como uma área de pesquisa legítima pelo ministério da educação, muitos pesquisadores cadastram as suas pesquisas na sua área de formação original e não no seu campo de pesquisa de fato: moda.

O paradigma da moda enquanto área científica no Brasil, vem de encontro a esse pensamento de Kuhn, (2018, p. 264) “um campo de estudos progride porque é uma ciência ou

legítima por causa da sua complexidade e ambiguidade” (GODART, 2010, p. 10). A moda é uma área bem ampla e interdisciplinar, que pode ser pensada desde os seus métodos de produção e criação até mesmo com enfoques econômicos, sociais, filosóficos e psicológicos, pois para além do vestuário a moda se faz presente na sociedade.

A “modologia” é, por um lado, um lugar de encontro entre as diferentes disciplinas das ciências sociais em torno de um objeto comum e, por outro, uma tentativa de reconciliação entre o tempo de duração da Moda – o da renovação permanente -, e o tempo da ciência – o da análise dos fatos e da elaboração das teorias (GODART, 2010, p. 9-10).

A moda é concebida de mudanças, produzindo frequentemente novidades, é uma área que vem evoluindo desde os modos de produção: da costura a mão as máquinas de costura automatizadas; as matérias primas sustentáveis, tecnológicas; as diversidades de corpos, gêneros e pensamentos. Sendo progressiva em diversas áreas, que como uma ciência social contemporânea não pode ser analisada isoladamente.

O progresso científico não difere significativamente do progresso em outras áreas. No entanto, a falta, na maioria dos casos, de escolas concorrentes que questionem mutuamente seus objetos e critérios torna mais fácil identificar o progresso em uma comunidade científica normal (KUHN, 2018).

“A tecnologia desempenhou muitas vezes um papel vital no surgimento de novas ciências, já que os ofícios são uma fonte facilmente acessível de fatos que não poderiam ter sido descobertos casualmente” (KUHN, 2018, p. 78). A moda é sim uma área que surgiu do ofício artesanal e sua evolução de ofício a área de ensino aceita nas academias de ensino superior, foi vagarosa, no Brasil apenas no século XX, final dos anos 80 é que a moda é bem-vinda na academia.

Esse início se deu primeiramente nas faculdades privadas, as mais tradicionais estão na cidade de São Paulo – SP, não obstante em menos de dez anos essa graduação se espalhou pelo país.

Conforme relatado por Bonadio (2010), novos cursos de bacharelado na área de Moda foram implementados em outras duas universidades privadas localizadas na cidade de São

Paulo. A Universidade Paulista (Unip) passou a oferecer o curso de Moda, enquanto a Universidade Anhembi Morumbi (UAM) oferecia o bacharelado em Negócios da Moda. Em 1991, o primeiro curso fora da cidade de São Paulo foi estabelecido pela Universidade de Caxias do Sul (RS), seguido pelos primeiros cursos superiores em moda oferecidos por universidades públicas em 1993: o curso de Moda-Estilismo na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e o bacharelado em Moda na Universidade Federal do Ceará (UFC). Até o final da década de 1990, um total de 26 cursos de Moda estavam em funcionamento em todo o Brasil.

Os cursos superiores de Design de Moda são interdisciplinares e abrangem além da criação e produção de roupas e acessórios. Algumas instituições também oferecem oportunidades de iniciação científica para estimular futuros pesquisadores. A moda como área de pesquisa científica nos programas de *stricto sensu* no Brasil começou a se desenvolver nos anos 2000.

Um paradigma governa, em primeiro lugar, não um objeto de estudo, mas um grupo de praticantes da ciência. Qualquer estudo de pesquisas orientadas por um paradigma, ou que levem à destruição de paradigma, deve começar pela localização do grupo ou grupos responsáveis. Quando a análise do desenvolvimento científico é examinada a partir dessa perspectiva, várias dificuldades que foram alvos de críticas podem desaparecer (KUHN, 2018, p. 286).

No Brasil há apenas dois programas de pós-graduação *stricto sensu* que trazem a moda em sua nomenclatura: Têxtil e Moda⁵ (USP) e Design de Vestuário e Moda⁶ (UDESC), o primeiro da USP cadastrado na área básica: Sociais e Humanidades (90192000) e área de avaliação: Interdisciplinar; já o segundo da UDESC cadastrado na área básica: Desenho Industrial (61200000) e área de avaliação: Arquitetura, Urbanismo e Design.

5

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.jsf?popup=true&id_programa=204644

6

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.xhtml?jsessionid=Wja0-yUsgT4SSRV-SSGZE++a.sucupira-215?popup=true&cd_programa=41002016165P1

4. Caminhos Possíveis

Ao considerarmos a moda como um fenômeno complexo e explorarmos sua evolução como área acadêmica no Brasil sob a ótica da teoria da complexidade de Thomas Kuhn, reconhecemos a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para compreender sua amplitude e impacto na sociedade. Através dessa perspectiva, é possível analisar os diversos fatores que influenciam a moda, desde seu contexto histórico e cultural até os processos de produção, consumo e representação simbólica.

No entanto, ao buscar a legitimação da moda como campo científico no Brasil, deparamo-nos com desafios significativos. A escassez de pesquisadores dedicados ao estudo da moda e os desafios inerentes à sua natureza multifacetada e em constante transformação são obstáculos a serem enfrentados.

Para avançar nesse sentido, é fundamental aprofundar a análise dos elementos que compõem a complexidade da moda e compreender suas interações e dinâmicas. Isso permitirá uma visão abrangente e holística, possibilitando o desenvolvimento de abordagens teóricas e metodológicas mais adequadas para o estudo desse campo científico em constante evolução.

Além disso, é importante questionar a definição da moda como ciência apenas pela sua presença nas instituições de ensino superior. Conforme proposto por Kuhn (2018), uma área do conhecimento progride por ser ciência ou é considerada ciência porque progride?

Considerando a recente história da moda como campo de conhecimento no Brasil, com menos de 40 anos desde o primeiro curso superior criado e apenas dois programas *stricto sensu* dedicados à moda no país, é evidente que há muito a ser feito. Ainda hoje, as autoridades nacionais veem a moda como uma área vinculada ao Design, e sua concepção como um campo autônomo do conhecimento ainda não foi plenamente reconhecida.

Portanto, ao enfrentarmos os desafios da moda como campo científico no Brasil, é necessário aprofundar as reflexões sobre sua complexidade, estimular o desenvolvimento de pesquisas e formar uma comunidade acadêmica comprometida com a expansão do conhecimento nessa área. Somente assim poderemos contribuir para o reconhecimento e o



ola@grandesite.com.br

sobre a sociedade, a cultura e a identidade.

5. Referências

ÁBILE, B. V. **O impacto das instituições de moda na contemporaneidade:** uma análise da Fédération de la Haute Couture et de la Mode. Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 1-18, 2022. DOI: 10.5965/25944630632022e2144. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/22144>. Acesso em: 28 dez. 2022.

AGUIAR, G. C. O. **Cursos superiores de Moda no Brasil:** regulamentações, evoluções e perspectivas. In: Anais do 11º Colóquio de Moda. São Paulo. 2015. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202015/ARTIGOS-DE-GT/GT01-EDUCACAO-TEORIA-E-PRATICA-EM-MODA/GT-1-CURSOS-SUPERIORES-DE-MODA-NO-BRASIL.pdf>. Acesso em 29 dez. 2022.

BONADIO, Maria Claudia. **A produção acadêmica sobre moda na pós-graduação stricto sensu no Brasil.** IARA: Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, SP, Brasil, v. 3, n. 3, p. 50–146, 2010. Disponível em: http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/03_IARA_vo13_n3_Dossie.pdf. Acesso em 03 de jan. de 2023.

BRAGA, João; PRADO, Luís André. **História da Moda no Brasil:** das influências às autorreferências. 2. Ed. Barueri, SP: Disal, 2011.

BRASIL. CAPES. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação.** Brasília: Ministério da Educação, 24 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

_____. Ministério da Educação. **Resolução nº 5, de 8 de março de 2004.** Brasília: Ministério da Educação. 08 de março de 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf. Acesso em 28 de dez. de 2022.

_____. Plataforma Sucupira. **Têxtil e Moda.** Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.jsf?popup=true&id_programa=204644. Acesso em 02 de jan. de 2023.

_____. Plataforma Sucupira. **Design de Vestuário e Moda.** Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.xhtml>;



ola@grandesite.com.br

ESDI. **Escola Superior de Desenho Industrial** – UERJ. Disponível em: <https://www.esdi.uerj.br/historia>. Acesso em 29 dez. de 2022.

FAÇANHA, Astrid. **A moda como campo do saber**. In: Anais do 7º do Colóquio de Moda. Maringá. 2011. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202011/GT05/GT/GT_A_moda_como_campo_do_saber.pdf. Acesso em 29 dez. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. Trad. Lea P. Zylberlicht. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2010.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. 13 Ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009.